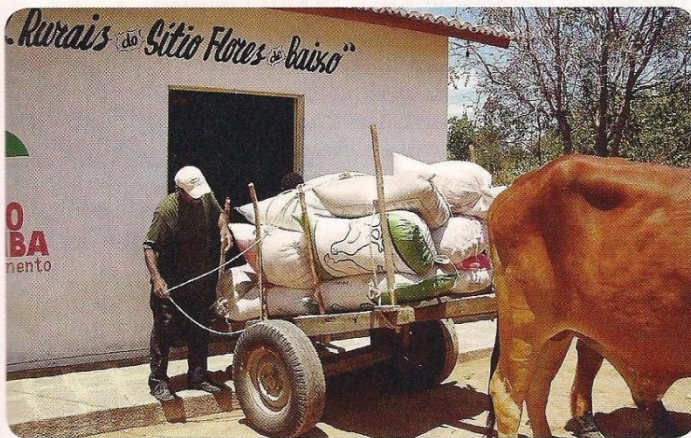


Sementes da paixão

Plantadas há gerações, as sementes nativas ou tradicionais são preservadas e difundidas em bancos comunitários



Carro de boi: transporte rústico, mas eficiente para distribuir sementes

Era 1993. Num reunião, produtores locais discutiam seus problemas, que não eram poucos. Seca brava no sertão paraibano, região do Cariri, um problema para o presente e para o próximo ano também, pois ninguém teria sementes para plantar na próxima safra, nem que chovesse. Aí se pensou em formar um banco de sementes comunitário, usando o mesmo costuma familiar de estocar sementes em casa para plantar no ano seguinte.

A ideia gerou uma rede de 230 Bancos Comunitários de Sementes que estão atualmente em funcionamento, e um nome novo para as boas e resistentes sementes regionais. As sementes da paixão. Um termo criado pelo produtor Casemiro Caetano Soares, mais conhecido como seu Dodô.

Produtor de milho e feijão, entre outros grãos, na comunidade Monteiro, município de Cacimbas, seu Dodô, numa das muitas reuniões que as comunidades fazem, disse que as sementes deles eram "as sementes da paixão, pois tinham sido passadas de pai para filho, por gerações e gerações nas secas e nas chuvas. Tinham garantido o passado e iam poder garantir o futuro". "O nome pegou e, hoje, além dos nomes mais comuns como crioulas ou tradicionais, as sementes nativas são chamadas assim em várias regiões. Sem querer, ele definiu o que elas significam para os agricultores: a própria continuidade da vida", diz José Rego Neto, membro da comissão de sementes da Articulação do Semiárido Paraibano (Asa), que apresentou



os projetos dos bancos comunitários no Seminário sobre Inovações Tecnológicas do Sebrae, em março último.

É um tipo de tecnologia social, não apenas operacional, pois envolve as comunidades em todos os seus níveis, e é barata e simples, segundo Rego. "A princípio pensamos no projeto como uma necessidade de simplesmente ter a garantia de sementes para plantar. Com o tempo notamos que trata-se de um projeto de proteção à biodiversidade e ao resgate do uso destas sementes, adaptadas à região, vigorosas e resistentes", analisa.

Ele ressalta que há um trabalho do governo paraibano em fornecer sementes em tempos de escassez. "O problema é que são sementes compradas em outras regiões, como o Rio Grande do Sul, não adaptadas ao nosso regime de chuvas e solos, nem às necessidades dos produtores. Além disso, por serem híbridas, em geral produzem bem na primeira e segunda safra, e depois param de produzir", explica.

No caso das sementes nativas, ou da paixão, a produtividade se mantém ao longo do tempo há séculos, segundo ele, "desde que se começou a ter agricultura nesta região, por volta do século 17. E sempre foram guardadas em casa, pelos produtores, como sua reserva de produção e sobrevivência para o ano seguinte".

"Antes do banco, muitos agricultores que perdiam a plantação por falta de chuva não tinham sementes para fazer o replante", conta José Rego Neto. Segundo ele, alguns agricultores da região já relatam que a iniciativa tem contribuído com o aumento da produtividade e também de renda.

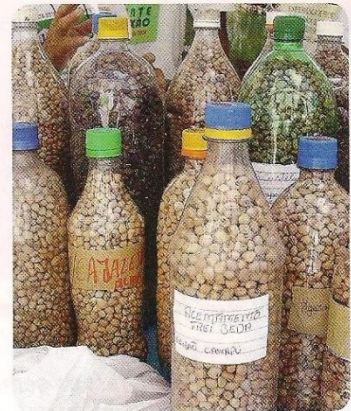
Inovação

Gestão comunitária e Organização social

O banco é uma verdadeira fonte de reserva de sementes, administrada pela própria comunidade em conjunto. "Cada família associada toma emprestada certa quantidade de sementes e se compromete a devolver, no momento da colheita, essa mesma quantidade. Eles sempre entregam um pouquinho a mais de sementes para manter o estoque e

ajudar a ampliá-lo e fortalecê-lo", conta Rego, para quem estes anos de funcionamento do projeto "estimularam o processo organizativo da comunidade, pois é um espaço de gestão participativa onde a sociedade cria as regras e é responsável pelos estoques". Na Paraíba, em média sete mil famílias são atendidas diretamente em cerca de 70 municípios do Estado. Em outros estados, como Ceará e Alagoas, a iniciativa também vem sendo conduzida com êxito, em geral com o nome de "Casa de Sementes", mas com a mesma estrutura organizacional.

O aspecto de preservação da biodiversidade também é um item importante, porque permite a recuperação das sementes nativas, que são ameaçadas por conta dos melhoramentos e transgênicos. Na Paraíba já foram resgatados mais de 210 tipos de sementes nativas. Só no caso do feijão



Soluções simples para o armazenamento das diversas variedades

macassa, um dos mais utilizados pelos agricultores locais, hoje existem à disposição 12 variedades diferentes. "É importante lembrar que o produtor da região tem uma visão sistêmica da sua produção. Ela serve para alimentação da família, gera renda e também alimenta os animais de criação. No caso do milho, por exemplo, as variedades que vêm do Sul do País têm 70% menos folhagem do que as variedades nativas. Como essa folhagem é usada como forragem para o gado, é importante manter o volume para garantir a alimentação na entressafra", exemplifica.

Além das sementes agrícolas, o banco conta também com estoque de sementes forrageiras para a ração animal e estoca grãos, que são sementes não-selecionadas, mas que podem servir em momentos de necessidade.

* Mais informações:

Centro de Educação Popular e Formação Social da Paraíba – (83) 3472-2449
Agência Sebrae de Notícias –
(61) 3348-7138/2107-9362



Produtores administram os bancos de sementes e mantêm os estoques estáveis com a participação de toda a comunidade

Empreender

Este informe é de responsabilidade do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), sob coordenação da Gerência de Marketing e Comunicação. Presidente do Conselho Deliberativo Nacional do Sebrae: **Adelmir Santana**. Presidente do Sebrae: **Paulo Okamoto**. Diretores: **Carlos Alberto dos Santos** (Administração e Finanças) e **Luiz Carlos Barboza** (Técnico). Gerente de Marketing e Comunicação: **Márcio Godinho**. Endereço: SEPN Quadra 515 – Bloco C – Loja 32 – 70770-900 – Brasília – DF – Tel.: (61) 3348-7100 - www.sebrae.com.br - Para falar com o Sebrae: 0800 570 0800.